



A Estética da Criação Verbal de Padre Antônio Vieira sob a Óptica Bakhtiniana

Marco Antônio da Costa Camelo* - UEPa

RESUMO: *O presente trabalho tem como objetivo traçar um panorama sobre a estética da criação verbal de Padre Antônio Vieira, expressa por meios de sua produção literária, sobre a óptica do discurso retórico proposto por Mikhail Bakhtin, no qual a palavra exerce uma múltipla faceta de significados e conceitos de acordo com o momento histórico e social em que se manifesta. A inclusão do discurso religioso, tendo como apoio o alicerce estoicista, fazem do escritor jesuíta um dos melhores exemplos da ambivalência existencial que confronta os ramos “antropocêntricos” da estética barroca com a proposição retórica Bakhtiniana. Vieira nos concede uma plêiade de possibilidades necessárias à compreensão da vida, do homem e de Deus. Fusionando o real e o imaginário divinos, com a áspera realidade mundana. No meio desse emaranhado de sentimentos e emoções a arte cede lugar à vida ao mesmo tempo em que os seres humanos se projetam como atores de um mundo metafísico, no qual alternam papéis no grande cenário sócio-histórico do mundo; Mikhail Bakhtin, por meio do exercício do significado explica que a compreensão do signo escrito funciona como mola propulsora que acompanha os “códigos encryptados” das formas que carregam em sua essência, inúmeras possibilidades de combinações, dando origem aos seus estudos de Retórica e Dialogismo. A relação entre o pensamento retórico de Vieira e a concepção de sentido estudada por Bakhtin é a principal fonte de orientação deste trabalho, com vistas à aproximação desses dois universos tão distantes historicamente e ao mesmo tempo tão próximos em seus sentidos.*

* Professor Assistente IV do Departamento de Língua e Literatura da Universidade do Estado do Pará, Mestre em Educação pelo Instituto Pedagógico Latino-Americano e Caribenhos – Havana-Cuba e Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Estado do Rio de Janeiro.

Tudo se reduz ao diálogo, à contraposição dialógica enquanto centro. Tudo é meio, o diálogo é o fim. Uma só voz nada termina, nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida.
(Mikhail Bakhtin).

1 Introdução

A metáfora dos sentidos impressa nos textos de Antônio Vieira nos remete a um apogeu da alma e a uma sublimação do espírito. Tangenciando esferas transcendentais, impossíveis, de num primeiro momento, serem vistas e entendidas como a expressão máxima da atemporalidade da alma, Vieira sintetiza o cerne de sua obra em um apoio conceitual e filosófico que garimpa as múltiplas formas de compreensão do homem e do mundo que o circunda. A Alma, que se desnuda em um completo sentido de identidades, é mostrada como um tênue véu que separa os pórticos da arte e da vida. Essa conhecida metáfora dos sentidos, que é desdobrada significativamente por meio do hibridismo semântico do escritor, nos mostra que os paradoxos da alma tentam se equacionar por meio da rebuscada relação mantida entre a atitude humana e a compreensão divina. Essas marcas relacionais que delinham uma espécie de significado régio e que são mantidas pelas chamadas distâncias conceituais se mostram, em suas idéias, como um fragmento de contrastes que se entrecrocavam um a um, desnudando o dialético conflito "*antropocêntrico*", dos escritores barrocos e são, notadamente, a "*pièce de resistance*" mais emblemática do autor. O ponto de partida desta relação binominal é instigado pelo desejo do homem em conseguir a plenitude do criador e da necessidade da esfera celeste em manifestar-se como redentora das imperfeições mundanas. Essa alusão na obra de Vieira funciona como uma forma de arte que interpreta para persuadir, *confirmando que a retórica utilizada com mestria pelo pregador jesuíta quis servir, acima de tudo, ao sentido pleno dos textos e da vida. Souza (2006), lança mão de uma interessante alegoria da forma para caracterizar o universo de conceitos do escritor português:*

Assim como o sol quando está no zênite, com a luz em seu auge, tem sua sombra diminuída, o rei quando está no centro do reino tem seu poder aumentado sobre os funcionários cujo papel é representá-lo junto aos súditos.

Entre as figuras maiores do pensamento português do século XVII, conta-se certamente com a palavra de Vieira sintetizando um momento. O vasto sentido de seu olhar, certamente o transmutou em um moralista, político e filósofo da história, adornado pelo manto onipresente da arte retórica. Sua participação como artífice de uma moral estoicista, sublinha as virtudes do prazer e a sublimação do espírito, sem, contudo descaracterizar a ação divina. Esse atrelamento aos preceitos de Sêneca, serviram de testemunho para corroborar o padrão de aferição do desconcerto do seu mundo, a que tantas vezes se referiu como as metáforas do jogo, da loucura e do sonho, temas muito enfatizados pela cultura barroca, tal como já sucedera com Gil Vicente, Camões ou Amador de Arrais, que tiveram no desconcerto do mundo um tópico essencial de expressão do seu descontentamento.

Mikhail Bakhtin apresenta, em seu vasto universo de estudos conceituais e emblemáticos da palavra, um olhar muito arguto para a retórica e para o dialogismo funcional das idéias, no qual o panorama histórico das ações cotidianas precisa ser visto como o ponto de partida para qualquer análise que envolva o estudo de significados e de formas de expressão. Buscamos, neste trabalho, interagir a estilística utilizada por Vieira na elaboração de seus textos a partir da unidade lógica de sentido desencadeada por sua produção literária, em específico seus sermões, e a partir daí traçar um elo de comparação com as teorias de recepção dialógica Bakhtiniana, posto que ambos os pensadores, levaram em consideração, nos seus estudos e criações, o homem e sua relação com a sociedade e o mundo que o circunscribe e registra, tendo como plano de fundo o seu percurso histórico.

2 Os variados pontos de significação presentes no discurso de Vieira

Na verdade o ponto de significação da palavra nos textos de Vieira funcionam como uma pausa de fração de semifusa na qual estão contidos, em particular, a consciência do aumento do ritmo de encadeamento dos fenômenos temporais, levando a uma desestruturação rápida e estonteante dos «lugares naturais», que acabam por transformar a sociedade em teatro vivo e a vida em uma comédia mórbida. Tudo isso, retroalimentado por uma constante mudança e/ou alteração dos papéis cênicos, nos quais a cada ser vivente é conferido o direito de representar e a cada um é dado o tempo limite da espera. O hiato conceitual antropocêntrico é sempre mantido por uma espécie de defasagem entre o universo que permeia a filosofia e a ótica estruturalista da retórica, em que a verdade contraditória não existe, mas sim as relações de conduta que são estabelecidas entre mundo das possibilidades e o mundo existencial. Bakhtin (2005), considera que a noção de palavra é sempre concebida como um levante que se forma em direção a um objetivo nem sempre comum, mas que na maioria das vezes desconsidera o sentido de permeabilidade do que é esperado pelo pensamento coletivo. A essência dos sentidos impostos, principalmente nos sermões de Vieira, busca justamente a compreensão dessa estreita zona de confluência entre o traçado imposto pelo divino e a concepção mundana da vida, que recorrentemente faz frente às escolhas humanas, precipitando-as em um abismo de culpa que acabam por buscar de maneira incessante a redenção de fatos e ações incompreendidas. Barbosa (1999) afirma que:

Para compreender como se dá o processo de construção do sentido, é preciso ver a palavra como um signo ideológico, pois só assim é possível perceber a sua capacidade de assumir múltiplas tonalidades em diferentes campos como o político, o moral e o religioso. Os sentidos funcionam como camadas superpostas que se vão juntando. É o contexto, a situação social, o lugar ocupado pelo falante que determinam qual o sentido que deve ser dado à palavra (02p.).

Esse processo de construção do sentido, salientado por Barbosa (1999), mostra uma espécie de defasagem entre o mundo dos filósofos e o mundo dos retóricos, o dos filósofos, por considerarem que uma ação ou pensamento contraditório não existe «no mundo dos possíveis», o dos retóricos, por saberem que ela existe no «mundo dos olhos». Em outras palavras as ações reativas não são, obrigatoriamente, retroalimentadas de forma constante e nem sempre seguem um ritmo e um sentido retilíneo. Assim, tal como fizera Gracian na Espanha, Vieira pensa e elabora um autêntico e verdadeiro manual de sobrevivência para um mundo, no qual pululam traições, inveja, negociatas e interesses egoístas dos indivíduos, das sociedades e das nações. Embora, sem nunca esquecer a serenidade, a segurança e a parcimônia da moral cristã, da qual nunca se afastou.

O princípio que lhe serve de motivo neste âmbito é o que enunciou, a propósito do fundador da Companhia de Jesus, ao considerar que o homem sábio fica livre da jurisdição da fortuna, mas não se livra das variedades do mundo, completando-o depois com a consciência da insuficiência do ideal apolítico da lógica aristotélica, sendo agora necessária a ambivalência do «sim», que de acordo com as circunstâncias também podia significar «não». Com isso, sua retórica torna-se ampla no momento em que contrapõe o ritmo original do pensamento cristão e assinala múltiplas possibilidades de interpretação a serem aplicadas na vida. Seus sermões rompem com as barreiras do inconformismo e conduzem seus ouvintes e leitores a um processo de análise mais intensa da vida, mesmo



que em muitas de suas passagens a pena ainda seja o castigo divino. Contudo, esse castigo sempre virá acompanhado de um leque de opções redentoras.

Estavam assim lançados os dados de uma obra profundamente crítica da sociedade e do mundo, com particular incidência nas críticas das praxes coloniais no Brasil, no qual se destacou na defesa dos direitos dos índios e dos escravos negros. Por outro lado na metrópole observa-se uma obra freqüentemente inclinada a uma reflexão voltada para o fim das perseguições inquisitoriais com base no sangue, que atingiam, sobretudo os judeus; muitas vezes denunciando ao sumo pontífice as cruéis práticas do Santo Ofício, ou execrando-as através de seus sermões nas cerimônias litúrgicas. Viera traça com penas muitas vezes cruéis o retrato de uma sociedade desumana na



qual somente os desígnios divinos poderiam salvar. Sua relação com as mazelas sociais e os processo de purgação do homem foram constantes e a forma que usou para manifestar seu ponto de vista sobre a condição humana, sem a menor sombra de dúvidas, foram os sermões. A palavra usada e revisitada como uma maneira de aproximar o pagão do cristão, foi elaborada sob um caráter dialógico tão profundo que em muito se aproxima daquilo que Mikhail Bakhtin cognominou de dialogismo do apelo, no qual o sentido emblemático das palavras é o cerne das construções significativas e a história o cenário de fundo para toda e qualquer representação humana. Vieira e Bakhtin formam então uma espécie de universo paralelo no momento em que a palavra, suspensa em seus significados, passa a representar a reflexão da alma.



3 A retórica de Vieira e o dialogismo de Mikhail Bakhtin - da história a percepção semântica

Em se tratando dos povos descobertos, colonizados e escravizados, em específico dos grupos indígenas, apesar de ter aceitado a escravatura dos mesmos, o escritor justifica que só apoiou na política de importação de negros africanos, em virtude de ser um meio de impedir a extinção dos índios. Corroborando uma das três célebres condições enunciadas por Francisco Vitória em Salamanca. Esse posicionamento mostra os dois pontos ambivalentes de uma situação, o que reforça o sentido retórico presente nos discursos de Vieira, o primeiro calcado na subversão filosófica e o segundo o que reitera a visão de que uma raça poderia ser conservada dentro de seus padrões exóticos e folclóricos em detrimento de outra. Contudo, ao mesmo tempo em que reforça esse sentimento de disparidade e contracenso étnico, próprios do pensamento de uma época, foi capaz também de dizer que o ato de dominação dos brancos aos negros é força e não natureza, que a cor da pele deriva de um simples acidente geográfico, e que quem no momento escraviza mais tarde será escravizado, porque a mesa do jogo da vida é redonda como o desenho da terra, razão porque nela ninguém possui lugares marcados, nem tampouco latifúndios expendidos e lavrados no cartório celeste.

Esses aspectos denotam, grosso modo, a aplicação prática da clássica filosofia social e a forte influência do cenário histórico na construção de fatos, tipos e hábitos humanos em sociedade. Seu aporte filosófico calca-se então, na forma fluídica dos hábitos cotidianos: como: as emoções humanas e a maneira como as mesmas se sobrepõem no mundo das necessidades e das purgações, contrapondo com isso o primeiro passo estético entre o divino e o pagão – posteriormente classificados como antropoteocentrismo, efeitos e características estéticas tipicamente barrocas que marcaram uma época.

Assim, Vieira bateu-se pela aplicação prática dos grandes preceitos da condição humana natural, assumindo-se como fundador de um mundo no qual apagar-se-iam as distinções de raças e credos em nome da comum paternidade divina, que viria a projetar na idéia de um quinto império, ou reino de Cristo consumado na terra, congregando todos os homens sob a autoridade de um imperador como chefe temporal e do sumo pontífice como cabeça da Igreja. Vieira também se assume como um homem moderno e aceso nos debates para justificar sua tese das relações dominadas e dominantes. Considerava que o tempo era a chave que moldava o equilíbrio e o destino, querendo com isso afirmar que em nenhum momento da história do homem, essa relação de dominância e subjugo deixou de existir. Sendo, portanto, esse binômio a mola propulsora que alavanca a humanidade. O ponto de análise das relações humanas, para Vieira, calca-se primordialmente na interação entre a experiência, que é a filha do tempo, e a crescente solidariedade entre os vários ramos do conhecimento humano.

A todo este processo do conhecimento, Vieira aplicou as grandes metáforas da cultura e da arte barrocas, sintetizando-as de forma pueril e ao mesmo tempo mordaz, mostrando que de direito e de fato, a verdade em si própria era única, não estando sujeita às oscilações do tempo. O mesmo não acontecendo com os sucessivos graus de conhecimento que o homem amealha em um profundo e progressivo pensar. O escritor jesuíta justificava que a razão de todo este processo centrava-se no fato de que o mundo era uma mera Comédia de Deus, na qual a verdade seria descoberta lentamen-

te por meio da palavra e das ações, em um contínuo repleto de obscuridades, no qual o final se não se vislumbra logo desde o início mas com o passar, paulatino, das eras.

Assim sendo, nestes termos, Deus introduz no processo de conhecimento do ser humano, a dimensão lúdica própria do jogo, em que a cada passo o entendimento fica em um estado de suspensão, e os seres humanos tornam-se expectantes do desenrolar do seu próprio enredo. Isso não significa que os homens não possam atuar em seus destinos. Entra em voga a questão do livre arbítrio que pode modificar o ciclo da vida desde que as atitudes sejam o reflexo direto do amadurecimento do espírito e da maneira como esse homem se posta frente aos seus iguais. Obviamente que nos textos de Vieira estarão presentes fortes elementos do ideário judaico-cristão. Todavia, concêntricas pinceladas de um estoicismo retoricamente alicerçado na liberdade da conduta podem ser percebidas nas entrelinhas de seu discurso. É o que Bakhtin (2005), considerou como o dialogismo do discurso, definido como o processo de interação entre textos e significações, que sinaliza as prioridades e sintetiza os excessos, ou seja, o texto não é visto isoladamente, mas sim correlacionado com outros discursos similares e/ou próximos. A retórica, como proposição Bakhtiniana, inclui-se como a centralização dos argumentos antagônicos para que possa sempre refutar algo ou alguma coisa. Ao propor a língua como manifestação de uma enunciação, Bakhtin (2005), introduziu três elementos nos estudos lingüísticos, excluídos dos estudos semânticos anteriores: o sujeito (indivíduo socialmente organizado), o objeto (em um contexto imediato) e a história.

Esses pontos podem ser considerados na retórica utilizada por Vieira como ângulos de visão que servem de apoio na distribuição de sentidos das suas idéias; situando o leitor em um campo semântico de reflexão, no qual as palavras exercem uma ação de punir ou de gratificar o penitente pelos atos praticados. O caminho, segundo Bakhtin (2005), faz-se pela ruptura de duas barreiras: a que sintetiza a passagem da frase ao texto e a que separa o enunciado de sua enunciação, levando-nos a uma compreensão "secundarizada" do texto, ou seja, a análise do sentido é justamente uma semântica da inclusão, haja vista ser o texto uma unidade significativa bi direcionada, no qual seu sentido não se define apenas internamente, mas é determinado também pelas condições externas de sua produção e de sua óptica. As condições que regem as formações discursivas e ideológicas que ditam quem pode dizer, para quem, o que se pode ou não dizer, quando e como, conformam a base sustentatória dos enunciados dialógicos. Na esteira de Bakhtin de que o "centro organizador de todo ato de fala não é interior, mas exterior", a análise do discurso literário constitui um poderoso instrumento de compreensão da leitura do mundo e dos efeitos de sentido de um determinado ato, no qual se podem detectar as marcas lingüísticas das ilusões dos sujeitos e dos "silenciamentos" de determinados sentidos. As matrizes semânticas presentes na obra de Vieira são a tradução singular de uma época na qual os universos divinos e mundanos conflituavam-se em uma revoltosa unidade dissonante. Assim sendo, os padrões enunciativos do discurso dialógico, que tem na retórica a sua base de compreensão, segundo Bakhtin, encontram nos discursos de Vieira um forte apoio no que concerne a significação intuitiva das palavras, momento no qual o signo passa a representar um desdobramento do que realmente se propõe a representar, haja vista o seu panorama de "significância", ser em um primeiro momento a interpolação representativa da forma ou o que aparentemente as palavras dizem, seguida do que se deseja representar e após essa primeira impressão entram

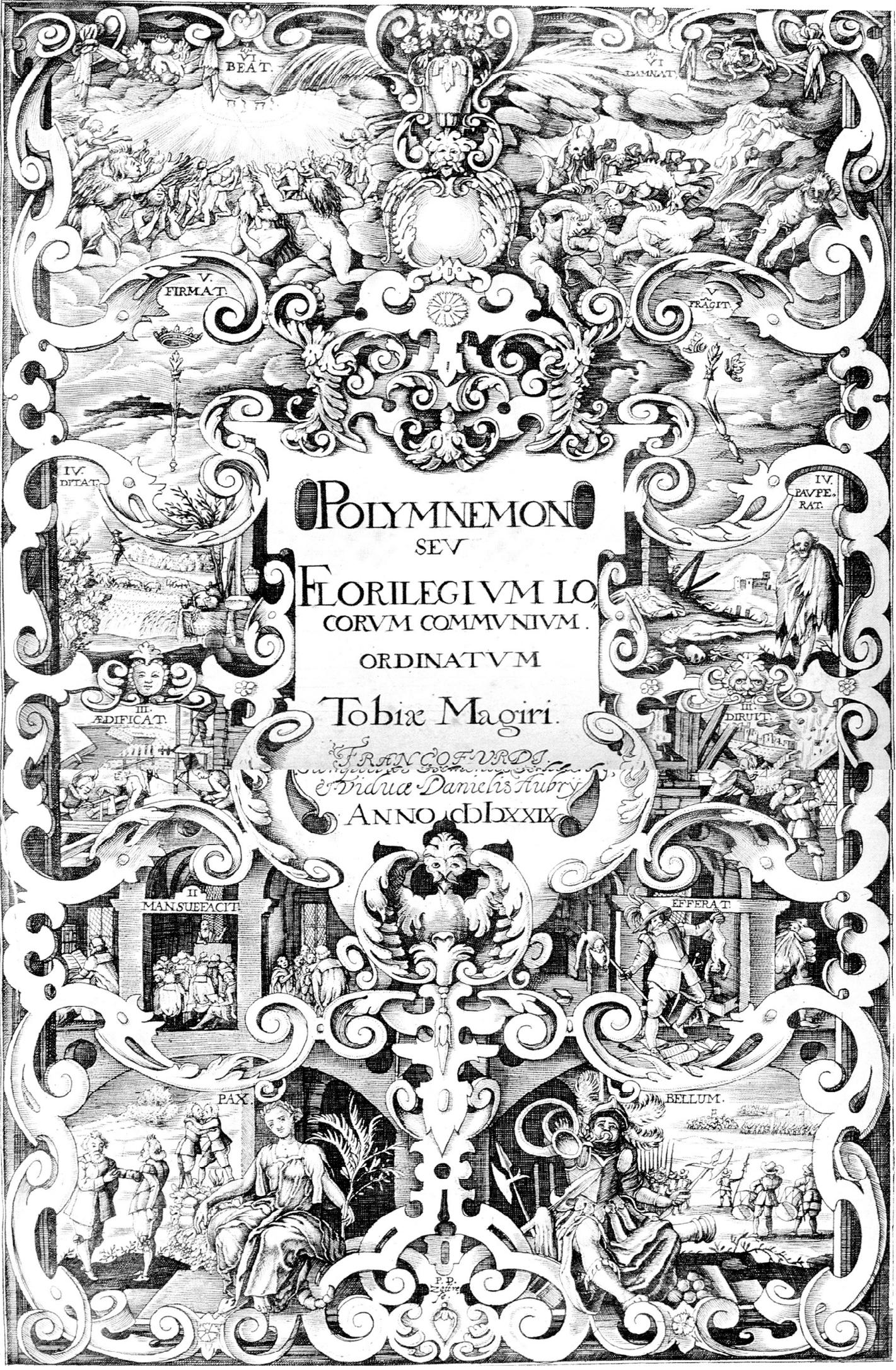


em voga as multiplicidades polissêmicas do sentido que vão conduzir o leitor a outras inúmeras e recorrentes interpretações, conferindo, dessa forma, a cada leitura vazão para novas e inusitadas visões que se transmutam em cada parágrafo que se avizinha aos olhos. A esse fenômeno Bakhtin considerou como: *a metamorfose mais completa dos signos*.

4 Considerações Finais

Com base nos referenciais teóricos da Análise do Discurso de Bakhtin, este artigo buscou discutir o conceito de Dialogismo a partir do sentido retórico presente nas produções de Viera. Obviamente que as implicações semânticas, vistas especificamente em seus sermões, buscam o enfoque de uma linguagem verbal como exercício do social. Pensar dialeticamente a realidade social é ver, por meio da língua dada, a palavra no seu exercício mais fluídico, funcionando como uma espécie de molde a partir de um movimento contínuo. A práxis dos conteúdos canônicos presentes nos sermões do mestre jesuíta, conformam um sentido holístico de entendimento do homem e de suas ações, conduzido por meio da palavra escrita a um estado de sublimação da alma, no qual arte e religião passam a formar um todo uníssono e indissolúvel. As matrizes semânticas contidas nos discursos de Viera, são segundo as bases teóricas Bakhtinianas, o apelo singular de um conjunto de signos que delineiam as fases conceituais de um eixo significativo comum. Em outras palavras as formas que compõem o sentido das idéias inseridas no “laço de palavras” dos sermões de Padre Antônio Vieira tecem uma trama de compreensões da vida e do espírito que transcendem as barreiras do discurso comum e tangenciam o universo do discurso polissêmico, formado por homem e por Deus. Esse, talvez tenha sido o pilar sustentatório no qual se orientou a linha atropoteocêntrica citada em parágrafos anteriores deste trabalho e que caracteriza os meandros significativamente retóricos do pensamento barroco de Viera e da concepção dialógica de Bakhtin. Um tempo que se aproxima por meio do abismo histórico que os separa. A ponte de ligação entre esses dois mundos faz-se pelo sentido insofismável da idéia de homem, de seu criador e da sociedade circundante. Sendo a palavra, a enunciadora desses pontos de pensamento e o significado que elas carregam consigo, o cerne do “dialogismo retórico”, que impregna o universo dos dois escritores. Bakhtin e Vieira, unidos como xipófagos pela ação inconclusiva da história da humanidade e de suas ações, elaboram a retórica da vida.

Tanto em Bakhtin quanto em Vieira a palavra é a mediadora entre o social e o individual. A ação discursiva dos sermões forma uma “simbiose” entre o ser humano e a sociedade que o circunda, na medida em que cada palavra passa a representar a revelação das experiências e valores de um determinado momento histórico. A partir dessa visão mediadora, pode-se perceber que o sentido verbal exerce forte influência no modo de percepção da realidade e dos aspectos que a cercam. Portanto, cabe ao intérprete do enunciado escrito, segundo Bakhtin, entender e assumir a palavra como uma forma de manutenção dos valores dados ou revelados que se descortinam como um processo de intervenção do mundo. A centralidade da linguagem tem, no pensamento de Bakhtin, se revelado plural, apesar de possuir a chamada unidade garantida pela centralidade da palavra e de seus sentidos. Um dos melhores métodos de análise para todas essas questões é a dialé-



POLYMNEMON
SEV

FLORILEGIUM LO
CORVM COMMVNIVM.
ORDINATVM

Tobia Magiri.

FRANCOFURDI
Vidua Danielis Hubry
ANNO MDLXXXIX

P.P.

tica e suas vertentes paralelas, como a retórica e o dialogismo. Não nos coube aqui, neste momento, enveredar por esses pontos, mas buscar através do *Dialogismo*, um traçado que justificasse a partir dos textos de Vieira, os desenhos significativos do pensador russo e assim conceituar seus signos e definições por meio da interlocução de um texto seiscentista, que tem a figura do homem e de seu conflituoso e antitético mundo o centro de suas idéias. A relação do homem com o mundo teve tanto em Mikhail Bakhtin como em Padre Antônio Vieira, o que chamamos de ângulo de confluência. Nos seus escritos, Bakhtin aborda os processos de formação do eu através de três categorias: o eu-para-mim, o eu-para-os-outros, o outro-para-mim. Da formulação dessa tríade, pode-se entrever sua inquietude frente a algumas questões: Como o eu estabelece sua relação com o mundo? Existe uma oposição entre o sujeito e o objeto? *"Para ele, não há um mundo dado ao qual o sujeito possa se opor. É o próprio mundo externo que se torna determinado e concreto para o sujeito que com ele se relaciona"* (FREITAS, 1996, p.125-6). Enquanto que Vieira desnuda esse homem, uma sociedade ímpia, corrompida e pagã, para que através da piedade divina possa encontrar a purgação para suas mazelas e pecados. E assim, encontrar por meio das vicissitudes da vida a redenção para o seu espírito e finalmente a recompensa, que será dada a partir do encontro com o Pai.

Essa relação, segundo a escola dialógica russa, é um dos princípios constitutivos da linguagem, significando que toda a vida da linguagem, em qualquer campo, está impregnada de relações duplamente representadas em seu campo semântico conceitual, funcionando como uma via de "mão dupla". Para Bahktin (2005), a concepção dialógica contém a idéia de relatividade da autoria individual e consequentemente o destaque do caráter coletivo e social da produção de idéias e textos que apresenta no processo histórico a mola propulsora de suas ações, passando, com isso, a considerar o próprio ser humano como um intertexto, uma vez que o mesmo não existe de forma isolada. Para a compreensão de todo esse processo de assimilação de comportamentos e influências, a corrente de pensamento russa entende que o homem e seu meio misturam-se com suas experiências particulares e coletivas de vida, tecendo e se entrecruzando em relações cotidianas com o outro. Pensar em relação dialógica é remeter a um outro princípio, o da não autonomia do discurso, uma vez que as relações cotidianas são circunstanciais e com isso as palavras de um falante estão sempre e inevitavelmente atravessadas pelas palavras do outro: tornando o discurso elaborado pelo falante como um constituinte do discurso do outro que o atravessa, condicionando o discurso do eu as coloquialidades do dia a dia. E Vieira, como ninguém, soube por meio de sua obra representar essas relações. Esses pontos, em linguagem bakhtiniana, representam a noção do eu, referendando que o mesmo nunca é individual, mas social. Vieira transmuta esses signos conceituais, desagregando o homem para reinseri-lo em cadeias significativas de compreensão, uma vez que o discurso religioso traz em seu bojo, justamente por ser religioso, a necessidade de reflexão e/ou análises mais íntimas do homem em seu postulado de vida e conduta. Formam-se assim as reentrâncias da vida que buscam na arte, em específico aqui a literária, o espelho de suas representatividades.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail Mikhaloivitch. *Estética da Criação Verbal*. 10.ed. São Paulo. Martins Fontes. 2005
- BAKHTIN, Mikhail (*Volochinov*). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 5. ed. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. São Paulo: Hucitec, 2005.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de e FIORIN, José Luiz (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 1994. (Ensaio de Cultura, 7).
- BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas-SP: EDUCAMP, 1997.
- CLARK, Katerina. *Mikhail Bakhtin* – Coleção Perspectiva. São Paulo. EDUCAMP. 2000.
- COSTA, Manoel Ferreira. *Análise do Discurso – Uma Semântica da Inclusão*. UERJ – Artigo. 2001.
- FARACO, Carlos Alberto et all. *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. São Paulo. Vozes. 2006.
- MOISÉS, Massaud. *A Análise Literária*. São Paulo. Cultrix. 2007.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. *Vygotski e Bakhtin*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Tradução Carlos Nélon Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- INDURSKY, Freda e FERREIRA, Maria Cristina L. (Orgs.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso*. Campinas, SP: Pontes, 2000.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni P. Orlandi et al. Campinas, SP: EDUCAMP, 1988. (Coleção Repertórios)
- SOUZA, Laura Melo e. *O sol e a sombra política e administrativa na América Portuguesa do século XVII*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 186. p.2006.
- VYGOTSKI, Lev. S. *Pensamento e linguagem*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo, revisão técnica de José Cipolla Neto. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (Psicologia e Pedagogia).

